

O Fórum Social Mundial e o Paraná

Agemir de Carvalho Dias*

O Comitê Pró-Fórum Social Mundial no Paraná - 2009 formalizou, junto ao Comitê Brasileiro de Organização e ao Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, a candidatura de Curitiba à sede da nova edição do evento, com apoio do governador Roberto Requião e do prefeito de Curitiba Carlos Alberto Richa.

O Fórum Social Mundial (FSM) é um movimento cuja característica principal é a pluralidade presente na sociedade civil, representada pela atuação do segmento organizado em forma de Organizações Não-Governamentais. Em sua *Carta de Princípios*, o FSM se define pela diversidade de opiniões e posições, negando qualquer atrelamento governamental ou partidário. Opta pela descentralização, pela articulação em rede, pelo pacifismo e pela democracia.

Um dos aspectos importantes do FSM consiste em não representar nenhuma ideologia específica, contando com a participação de todo tipo de ONG. O que une as entidades e as leva à participação no Fórum é mais um sentimento – o de que um outro mundo é possível – do que um programa específico.

Sua primeira edição aconteceu em 2001, em Porto Alegre, com a participação de 1.500 organizações e 4.702 delegados. Na segunda edição, em 2002, também na capital gaúcha, o número de organizações participantes aumentou para 4.909, e o de delegados (de 123 países), para 12.274. No último Fórum, realizado em 2007, em Nairóbi, o número estimado de participantes foi de 50 mil.

A terceira e a quinta edições do FSM aconteceram igualmente em Porto Alegre; a quarta, em Mumbai (Índia). A edição de 2006 foi policêntrica: em Bamako (Mali), Caracas (Venezuela) e Karachi (Paquistão). Em 2008, serão feitas mobilizações em várias partes do mundo, e para 2009 está programada a sua nona edição, em local ainda não escolhido pelo comitê organizador.

O FSM é considerado o movimento dos movimentos sociais. Sua trajetória iniciou-se como uma reação à política neoliberal implantada durante os governos Ronald Reagan, nos EUA, e Margaret Thatcher, na Inglaterra. Nasceu do antagonismo a um modelo consensual de ordem econômica, patrocinado pelos organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC). O movimento neoliberal está representado no Fórum Econômico Mundial, realizado anualmente na cidade suíça de Davos.

A visão neoliberal partiu da idéia de que a economia no Ocidente perdia eficiência devido a um Estado provedor. Nesse sentido, fazia-se necessário tirar o peso do Estado sobre a sociedade, pois esse peso recaía justamente sobre os setores mais dinâmicos da economia, impedidos por diversos entraves de aumentar ainda mais a sua produtividade.

Várias medidas foram sugeridas para “destravar” a economia: privatizações de empresas públicas, extinção de monopólios estatais, desregulamentação da legislação trabalhista, diminuição dos gastos públicos, fim de subsídios, extinção de programas públicos de proteção a pessoas carentes, flexibilização de legislação ambiental, entre outras. Essa política tornou-se global a partir da queda do muro de Berlim, pois o colapso dos países socialistas tornou ainda mais questionável a idéia de um Estado Provedor. A ausência de um discurso contraditório ao projeto globalizante neoliberal criou um vácuo, que levou à crença por parte de alguns de que havíamos chegado ao fim da história.

O pólo contraditório ao movimento globalizante neoliberal não veio de um Estado ou partido político em particular, mas foi resultado dos diversos movimentos da sociedade civil, denominados genericamente Organizações Não-Governamentais (ONGs). Essas instituições trabalham com os mais variados temas, tendo em comum o envolvimento com os excluídos pelo desenvolvimento econômico predatório. As ONGs, nesse caso, não se confundem com os movimentos clássicos de trabalhadores. A diversidade temática que perpassa toda sociedade faz parte dessa miríade de organizações que lutam por um mundo diferente.

Paradoxalmente, o FSM é uma expressão da sociedade civil organizada, e essa expressão cresceu à medida que o Estado foi deixando de atender às demandas da sociedade, como parte da política neoliberal.

Outro paradoxo é que, enquanto o discurso neoliberal aparece como hegemônico e consensual, tornando-se uma espécie de verdade universal, o discurso do FSM ainda não estabeleceu consensos que possam ser colocados como um programa alternativo ao neoliberalismo. Assim, o Fórum levantou diversos alertas da sociedade civil aos governos e à humanidade. Como cada ONG, em geral, tem características locais, e

* Sociólogo, técnico da equipe permanente desta publicação.

particulares, o FSM acabou representando um caleidoscópio multicultural, alertando para os perigos que os povos estão enfrentando em um mundo guiado por uma lógica segundo a qual tudo o que é local encontra-se em fase de dissolução diante do global. Entende-se, assim, o insistente protesto contra marcas internacionais como Coca-Cola, McDonalds, Wal-Mart, Shell e outros símbolos do mundo globalizado.

Não que o FSM não se utilize de importantes redes mundiais de ONGs globalizadas, que vão desde as tradicionais organizações dos trabalhadores, como a Confederação Mundial do Trabalho (CMT), até os movimentos religiosos, como o movimento ecumênico representado pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), ou novos movimentos sociais preocupados com o meio ambiente, como o Greenpeace. Nesse sentido, trata-se aqui de uma outra globalização, a dos movimentos sociais que acabam se influenciando mutuamente e que se transformaram em uma grande rede mundial, com significativo poder de mobilização.

Dos alertas feitos pelo FSM, aqueles referentes à água e ao meio ambiente tornaram-se as maiores preocupações para os povos e para os governos. A recusa dos Estados Unidos da América (EUA) a assinar o Protocolo de Kyoto tornou o Governo Bush o principal inimigo dos movimentos ambientalistas. O programa neoliberal ainda não apresentou uma proposta para o problema ambiental. O modelo de desenvolvimento cuja lógica estabelecida é a do aumento do consumo está cada vez mais se mostrando inviável do ponto de vista dos recursos naturais disponíveis no planeta. Tais recursos não seriam suficientes para suportar o expressivo incremento do consumo, o que coloca em risco a própria sobrevivência da humanidade. Diante dessa visão apocalíptica, muitos pensam na construção de um desenvolvimento baseado em outra lógica.

O FSM não propôs ainda um modelo de desenvolvimento, tendo apresentado apenas uma gama enorme de idéias e experiências locais que apontam para soluções parciais dos problemas enfrentados pela humanidade. Algumas dessas soluções locais colocadas em prática por ONGs já se tornaram políticas públicas. No Brasil, tem-se o combate à mortalidade infantil pela Pastoral da Criança, que associou o envolvimento comunitário a soluções caseiras de combate à subnutrição – um dos principais instrumentos para que o País alcance a meta do milênio nesse quesito. Outro exemplo é o programa de cisternas na região semi-árida nordestina, que começou como iniciativa de ONGs, mas que agora já se incorporou às políticas públicas do governo brasileiro.

As ONGs trabalham mais propositivamente do que antagonicamente em relação ao modelo socioeconômico dominante. Nesse sentido, muitas delas acabam se tornando parceiras do Estado na implementação de programas que beneficiam a população.

Um grande número das organizações do FSM trabalha com os novos temas éticos ligados ao desenvolvimento. A Segurança Alimentar é um deles. No Governo Lula, a garantia à alimentação dos mais pobres é a grande preocupação, transformando-a em política pública por meio do Programa Fome Zero e do Bolsa Família.

No Estado do Paraná, um outro programa de Segurança Alimentar foi levado a efeito com o combate à utilização de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs). Muitas ONGs se preocupam com essa temática e atuam em projetos no mundo inteiro, auxiliando o produtor rural com tecnologia alternativa aos OGMs, certificando produtos orgânicos ou conscientizando a população em relação aos perigos do consumo de transgênicos.

Outro paradoxo do FSM é o fato de seu poder de mobilização depender das tecnologias do mundo globalizado. O FSM provavelmente não se constituiria, não fosse o advento de novas tecnologias de informação como a Internet, conjugada com a liberdade e a rapidez de locomoção dos indivíduos.

O uso da Internet pelas ONGs mostrou-se eficaz para a mobilização de ativistas pela primeira vez na conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999, em que mais de 50 mil pessoas protestaram contra a reunião e impediram que a mesma se realizasse. Esse é considerado um marco da reação da sociedade civil contra o poderio das Organizações Econômicas Internacionais.

A “batalha de Seattle” foi um dos fatores que levaram à idéia da construção do FSM, mas não o único. Na Rio-92, houve o primeiro grande encontro de ONGs preocupadas com as questões ambientais, cabendo lembrar que ONGs que lidam com meio ambiente podem ter diversas articulações, como era o caso do já extinto Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), que mantinha vários programas no Brasil com interesses em meio ambiente, educação popular, combate ao racismo e que detinha uma rede de contatos com instituições internacionais de apoio ao desenvolvimento social e fundações americanas e européias. Esses programas do CEDI transformaram-se em ONGs diversas, como o Instituto Sócio-Ambiental, Ação Educativa e Koinonia.

As ONGs, em nosso país, articulam-se na Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG), fundada em agosto de 1991. A ABONG é uma das organizações fundadoras do FSM e uma das mais importantes instituições desse âmbito em nível internacional. O Brasil é presença importante no FSM, participando com uma das maiores delegações. A ABONG, nesses quinze anos de existência, ajudou na articulação da Rio-92, na formulação da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e na constituição do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), da Cúpula Mundial de Alimentação (Roma, 1996) e de outros eventos nacionais e internacionais. Foi a partir de 2001 que a ABONG

conseguiu uma visibilidade maior, tanto no Brasil quanto no exterior, com a organização e a realização do primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre.

A forma de mobilização do FSM contribuiu significativamente para a construção da cidadania global. Surge um novo tipo de militante, que utiliza a tecnologia da Internet tanto para protesto quanto para mobilização. Essa mobilização tem a característica de ser difusa e alcança um público diverso. Criou-se, assim, uma sociedade em rede na qual a participação no FSM pode se dar por motivações diversas. A unidade do movimento encontra-se no combate ao neoliberalismo e ao imperialismo, que é um dos aspectos apontados

como delimitação política pela *Carta de Princípios* do FSM. A sociedade civil em rede deixa de ser comunidade virtual para transformar-se em comunidade real em eventos como o FSM. As implicações desse processo levantam questões a respeito do conceito de cidadania, com os interesses deixando de ser exclusivamente nacionais, tornando-se globais.

As preocupações levantadas pelo FSM a respeito do desenvolvimento sustentável, da democracia participativa, da superação da fome e da preservação do meio ambiente inserem-se na perspectiva de que o atual modelo de desenvolvimento coloca a vida em perigo, incluindo a do próprio gênero humano. Pretende-se com o FSM expressar esse alerta.